

O PAI Estou a compreender, senhor. Se calhar é o senhor que, pelo contrário, não nos pode compreender a nós. Desculpe-me. Porque — *repare* — para o senhor e para os seus actores trata-se apenas — e está certo que assim seja — do vosso jogo.

O PAI E, de facto, estou a referir-me ao jogo da vossa arte, que, exactamente, tem que dar — como o senhor diz — uma ilusão perfeita da realidade.

O PAI Agora, se o senhor pensar que nós, tal como somos (*indica-se a si próprio e, sumariamente, às outras cinco PERSONAGENS*) não temos outra realidade para além desta ilusão!

O PAI (*após tê-lo observado um pouco, com um pálido sorriso*)  
O que para os senhores é uma ilusão a criar, para nós, pelo contrário, é a nossa única realidade. (*Breve pausa. Avança alguns passos para o DIRECTOR, e acrescenta.*) Mas, de resto, não só para nós, repare! Pense bem. (*Olha-o nos olhos.*) O senhor sabe-me dizer quem é? (*E fica com o indicador apontado para ele.*)

O PAI (*com dignidade mas sem altivez*) Uma personagem, senhor, pode sempre perguntar a um homem quem é. Porque uma personagem possui, na verdade, uma vida própria, marcada por características próprias, que a fazem ser sempre “alguém”. Enquanto que um homem — não digo o senhor, agora — mas um homem, em geral, pode não ser “ninguém”.

O PAI (*quase em surdina, com melifluahua mildade*) Apenas para saber, na verdade, se o senhor, tal como agora é, se vê... Como, por exemplo, vê à distância dos anos aquele que em tempos foi, com todas as ilusões que alimentava então; com todas as coisas, dentro e à sua volta, tal como então lhe pareciam — e eram, eram realmente para o senhor! — Pois bem: repensando aquelas ilusões que o senhor agora já não alimenta, todas aquelas coisas que agora já não lhe “parecem” como “eram” dantes; não sente faltar-lhe, debaixo dos pés, já

não digo estas tábuas do palco, mas o chão, o próprio chão, chegando igualmente à conclusão que "isto" que o senhor agora sente, toda a sua realidade de hoje, tal como é, está destinada a parecer-lhe amanhã ilusão?

O PAI Mostrar-lhe que se nós  
(*indica-se de novo a si mesmo e às outras PERSONAGENS*), para além da ilusão, não temos outra realidade, será bom que também o senhor desconfie da sua realidade, da que o senhor hoje respira e em si próprio toca, já que — como a de ontem — também esta está destinada a revelar-se-lhe ilusão amanhã.

O PAI Pois se a sua realidade pode mudar de hoje para amanhã...

O PAI (*com um grito*) Mas não a nossa, meu senhor! Esta a ver? É essa a diferença! Não muda, nem pode mudar, nem ser outra, nunca, porque está fixada — é assim, "esta" — para sempre — (é terrível, senhor!), realidade imutável, que os devia fazer arrepiar só de se aproximarem de nós!

O PAI O senhor nunca viu porque os autores escondem normalmente o esforço da sua criação. Quando as personagens estão vivas, realmente vivas diante do seu autor, este mais não faz do que segui-las nas palavras, nos gestos que elas próprias lhe propõem; e é preciso que ele as queira tal como elas se querem; e aí dele se assim não for! Assim que nasce uma personagem, adquire logo uma tal independência, até face ao seu próprio autor, que pode ser imaginada por qualquer pessoa em muitas outras situações diferentes daquelas em que o autor pensou envolvê-la, e adquirir até, por vezes, um significado que o autor nunca sonhou atribuir-lhe!

O PAI E então, porque fica tão espantado connosco? Imagine, para uma personagem, a desgraça que lhe disse, de ter nascido viva da fantasia de um autor que, depois, lhe quis negar a vida, e diga-me se essa personagem deixada assim, viva e sem vida, não terá razão para se pôr a fazer o que nós estamos a fazer aqui, agora, diante dos senhores, após o termos feito durante tanto, tanto tempo, acredite, diante dele para o persuadir, para o impelir, aparecendo-lhe ora eu, ora ela (*indica a ENTEADA*), ora aquela pobre mãe...